

## FONTE DA PRAÇA DO PEIXE E TANQUES DO ROSSIO

Com a mesma água, que alimenta as fontes da “Vera-Cruz” e da “Praça do Comércio” (chamada outrora a “Fonte da Ribeira”), é alimentada a da “Praça do Peixe”, situada no local deste nome e defronte da “Rua do Alfena”. É toda de pedra e em forma cilíndrica. Eleva-se como pirâmide, no centro de um grande tanque, onde são pousados os cântaros. Ali cai a água despedida de duas bocas de serpentes de ferro, uma voltada para o norte, outra para o sul.



*Figura 1: Praça do Peixe antes da construção do mercado José Estêvão*

Essa pirâmide é rematada por uma urna, de que pendem duas grinaldas de flores, simetricamente colocadas. O tanque está dividido em quatro secções, duas muito maiores do que as outras, mas todas em simetria, ficando as menores sob a queda das águas que saem da boca das serpentes. Estas ficam metidas na parte inferior da pirâmide, que aí é toda profundamente encanelada, assim como o resto da pirâmide o é salientadamente.

Um pouco abaixo de uma grande bacia circular e na parte voltada para a rua do Alfena (antiga rua do Sal), veem-se em altos-relevos as armas de Aveiro. Sobre elas estão estas letras:

C. M.

que querem dizer “Câmara Municipal”.

Debaixo das armas está:

1876

que é a data da conclusão da obra.



*Figura 2: Armas da cidade na Fonte da Praça do Peixe*

Um pouco abaixo da urna existiam oito canudos de bronze, que deitavam água sobre uma pequena bacia ou depósito. Daí se precipitava a água em jorros noutra depósito ou grande bacia circular donde por duas bicas ia cair no tanque. O risco era belo e em teoria não deixava de merecer elogios. Foi dado pelo aveirense, o senhor João Honorato da Fonseca Regala, engenheiro civil e foi habilmente executado pelo sr. José Augusto da Silva falecido nesta cidade em 1895.

Pouco depois de concluída a obra reconheceu-se que ela tinha um grande erro. Era boa, só quando estava o tempo muito sereno. Com outro tempo, a água espalhava-se por diversas partes, chegando até às casas fronteiras e incomodando os transeuntes e principalmente às pessoas, que tinham de utilizar-se do mesmo fluído. A fonte, com as ventanias, ficava suja de pó e de outras impurezas, que facilmente se erguiam e se depositavam na bacia, onde imediatamente caía a água, despejada pelos oito canudos e muito mais na bacia, que lhe fica inferior. E as aves, que iam beber e refrescar-se naquelas bacias, mais concorriam para a água ficar inquinada.

Logo no ano imediato, depois de se reconhecerem os efeitos do erro, tratou a câmara de mandar que ele se remediasse. Foi desprezada a parte superior desta fonte e, por isso, arrancados todos aqueles canudos. A água ficou unicamente subindo até à altura da bacia inferior que a recebia toda. Foi, porém, coberta de zinco, para se impedirem os depósitos impuros causados pelas ventanias. Ainda assim os resultados não foram muito satisfatórios, por que era constante a deterioração da cobertura e as impurezas, não deixavam de penetrar pelas fendas. A cobertura aquecia facilmente ao calor dos raios solares e tornava a água pouco salubre.

No presente ano de 1902, o senado aveirense tratou de acabar com todos esses inconvenientes. Foi desprezado completamente o segundo depósito, como o havia sido o primeiro, ficando ambos descobertos e servindo, apenas, de ornato a esta construção. As duas antigas bicas ou canudos foram substituídas pelas duas serpentes de ferro. E a água, subindo internamente a conveniente altura, é logo conduzida pelas mesmas serpentes, que a lançam no tanque.

Esta fonte é de grande utilidade não só para os moradores, que lhe ficam próximos, mas também para os do Bairro João Afonso, construído no Rossio de S. João. No largo deste nome e perto do mesmo Bairro, existem quatro tanques destinados a lavagens de roupa. Esses tanques estão interiormente unidos por muros de conveniente altura, formando assim todos uma só peça ou conjunto. A grossura destes muros exteriores é coberta de pedra granítica, destinada às fricções da roupa, que ali se lava. Os tanques ou lavadouros do Rossio não são obra notável, mas são de grande utilidade e na sua construção atendeu-se a isso e à indispensável economia.

Recebem a água que cresce da fonte da «Praça do Peixe», e que nem sempre é suficiente, para a porção de roupa, que um grande número de mulheres aí vai lavar diariamente. Quando é mister, pode a água passar de uns para outros, por pequenas aberturas, que nos ditos muros existem. Como estes, se cruzam no centro de todo o conjunto, formam ângulos verticalmente opostos. Exteriormente, três dos tanques são limitados por muros curvilíneos, e o quarto, que é voltado ao nascente, é limitado por um muro em linha recta.

Esta obra deveu-se à iniciativa do sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, presidente da Câmara e foi entregue ao público no domingo, 15 de Outubro de 1882. Houve então música e foguetes, como demonstração de regozijo. Também não deixarei no olvido o nome de Agostinho Duarte Pinheiro e Silva a quem, sendo

presidente da Câmara, se deveu a construção da fonte da Praça do Peixe.